

SESSÕES DO PLENÁRIO

59ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 24 de novembro de 2016.

PRESIDENTE: DEPUTADO BIRA CORÔA (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Invocando a proteção de Deus e de Zâmbi, declaro aberta a presente sessão especial em homenagem ao Dia da Consciência Negra, proposta pelo deputado Bira Corôa e que tem como tema a Celebração dos 100 anos do Terreiro Bate Folha.

Convido para compor a nossa Mesa o Sr. Cícero Rodrigues Franco, Pai Ugochi; a Srª Olga Conceição, Nigna Guangnam Sensen; a Srª Procuradora de Justiça Márcia Regina dos Santos Virgens; Makota Sambadakata, representante da procuradora geral de Justiça, Ediene Santos Lousado; o Sr. Subdefensor Prof. Saraiva Ximenes, representante do defensor público geral, Clériston Cavalcanti de Macêdo; o Sr. Assessor Especial Ailton Ferreira, representante da secretária de Promoção da Igualdade Racial, Fabya Reis; o Sr. Diretor da Fundação Pedro Calmon, Zulu Araújo, representante do secretário de Cultura, Jorge Portugal; o Sr. Conselheiro do Núcleo de Religião de Matriz Africana, Major Peixoto, representante do comandante geral da PM, Cel. Anselmo Brandão; o Sr. Presidente da Sociedade Beneficente Santa Bárbara, João Antonio Ferreira, Tata Quisendure; a Srª Rita Cerqueira Lima, Kota Ndembu; a Srª Olinda Lopes, Kota Kixima; a Srª Edelzuíta de Sousa, Kota Tuandelê; o Sr. Vadinho França, Tata Mukua Kidi; e o Sr. Genivaldo Neves. (Palmas) (Apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Esse foi o canto de abertura. Agora assistiremos à apresentação do *clip* sobre os 100 anos do Terreiro Bate Folha, produzido pela equipe da UFBa.

(Apresentação de vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Como proponente desta sessão, vou usar neste momento a tribuna para fazer um breve pronunciamento. Peço até desculpas a nossa assessoria, que normalmente prepara uma fala que nos acrescenta bastante. Mas serei muito breve para abrir espaço para que os integrantes da Mesa usem a tribuna. Assim permitiremos que esta celebração tenha muito mais a autenticidade.

Na realidade, os tempos nos permitiram chegar até aqui; são 100 anos de registros do Terreiro que vão além da sua edificação. Posso até assegurar que é um pouco mais de 100 anos de identidade, reconhecimento, luta e afirmação, acima de tudo, da existência religiosa. Mas também da concepção e da formação de uma sociedade mais justa e mais igualitária, na qual todos nós acreditamos.

Quero aproveitar e convidar para assumir a presidência da Mesa a nossa deputada Maria del Carmen, para que eu possa fazer uso da palavra.

Aproveito também para parabenizar a deputada Maria del Carmen por estar, no dia de hoje, também celebrando o seu aniversário. Como sempre, solicita companheira. Abriu mão de estar com seus familiares neste exato momento para estar aqui participando também desta celebração que, para todos nós, é um dos atos mais significativos e mais importantes que este Poder Constituído celebra no dia de hoje e ao longo da sua existência.

A Sr^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Boa-tarde a todos e todas. Agradeço pelas palavras do deputado Bira Corôa.

Passo a palavra ao proponente desta sessão especial, deputado Bira Corôa.

O Sr. BIRA CORÔA:- Sr^a Presidente deputada Maria del Carmen, senhoras e senhores que compõem a Mesa, me permitam, em razão do horário, não citar nominalmente a todos e todas. Destaco, acima de tudo, esse ato e a importância desse ato.

(Lê) “Sessão Especial em comemoração aos 100 anos do Terreiro Bate Folha.

O terreiro Manso Banduquenqué, conhecido como Bate Folha é um dos mais antigos da capital. Fundado em 1916, por Manoel Bernadino da Paixão, Tata Ampumandezu, atualmente conduzido pelo Sr. Cícero Rodrigues Franco Lima, Tata Muguanxi, é um tradicional Candomblé Congo-Angola que completará 100 anos de existência, em dezembro de 2016.

Tombado como Patrimônio Nacional, em 10 de outubro de 2003, e reconhecido como Patrimônio Cultural Brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Cultural Brasileiro pelo Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, o Terreiro do Bate Folha também foi declarado como Território Cultural Brasileiro pela Fundação Cultural Palmares.” Esse aspecto nos leva a destacar que não estamos aqui celebrando um terreiro ou um templo religioso. Estamos reafirmando um contexto de culto, a afirmação social e a organização da nossa sociedade em todos os seus aspectos, religiosos, culturais e, acima de tudo, identitários.

(Lê) “Este reconhecimento, atesta a permanente contribuição pela preservação da história dos povos africanos no País e pela inegável importância na manutenção das práticas religiosas e na conservação da tradição Congo-Angola.

As comunidades de terreiros, funcionam como um centro irradiador de todo o sistema cultural, do qual a oralidade é o mais importante dos seus elementos. Estas comunidades tradicionais educam e repassam seus saberes às novas gerações, a

cultura dos antepassados, a preservação da memória coletiva, a ajuda mútua, o respeito aos mais velhos, o respeito às diferenças religiosas e culturais, a cura do corpo e do espírito.

Este patrimônio cultural significa herança familiar ao conjunto de bens familiares que são transmitidos aos seus membros de geração em geração. Este significado tornou-se mais amplo quando passou a se refletir a um conjunto de bens culturais pertencentes às comunidades maiores do que a família como a identidade étnico-racial e a sua territorialidade.

O Terreiro Bate Folha, durante esses 100 anos, guarda valores e formas de pensar refletidos em línguas, tradições orais, diversas manifestações culturais, revitalização e reinvenção das culturas tradicionais e populares assegurando a sobrevivência da diversidade e contribuindo para uma sociedade que respeita a pluralidade.

Enfrentamos, atualmente, uma onda de ataques de intolerância e uma onda de crimes de caráter religioso. Sabemos como racismo opera. O racismo opera ao impedir o culto à ancestralidade negra com o crescente número de propostas legislativas que visam a criminalizar as religiões de matriz africana através dos sacrifícios dos animais com a proibição de suas práticas ancestrais.

Em um momento de crescentes ações de retrocesso, intolerância e crimes religiosos, percebemos a necessidade de futuras ações para salvaguardar as comunidades de terreiros, a fim de que os seus legados possam ser preservados e possam ter condições de dar continuidade ao desenvolvimento dos povos tradicionais de matriz africana e a não regressão dos seus direitos conquistados.”

Vejam, são 100 anos de existência, 100 anos de vida, 100 anos de construção e de edificação, 100 anos de obrigações, 100 anos de respeito, 100 anos de realizações! São, devidamente, 100 anos para aqueles que contribuíram e contribuem. No entanto, para aqueles que continuam a contribuir ativamente para este feito, são mais 100 dias, porque mais 100, mais 100 e mais 100, ainda, estão por vir. (Muitas palmas)

Quero encerrar agradecendo a todos pelas resistências, perseverança, força de luta mas, acima de tudo, determinação. Ao reportar ao quadro da nossa história e ao contexto político e econômico da época, ou seja, há 100 anos, conseguir um registro de escritura e de posse de terra para edificar um templo religioso de matriz africana contestado, perseguido e – por que não dizer? – não reconhecido não foi nada mais nada menos do que coragem, ousadia e disposição; não foi nada mais nada menos do que a força maior da fé, a força maior do compromisso social, a prova maior do amor ao próximo, a prova maior da religiosidade imbuída, acima de tudo, na doação.

Quero, neste exato momento, agradecer a todos e a todas que, ao longo desses 100 anos, têm permitido a nós nos assumirmos como negros e a nós nos mantermos em nossas reais identidades ao preservar os nossos valores sociais, culturais e, acima de tudo, ao disputar, neste espaço, o nosso valor econômico.

Por isso, esses 100 anos são, sem dúvida alguma, um marco significativo para o Poder Legislativo do Estado da Bahia, a fim de poder reconhecer que, na celebração de 2016 das atividades de comemoração da data da consciência negra, tivemos, aqui, o privilégio de poder receber, abraçar e reconhecer o Terreiro Bate Folha como o nosso espaço, como a nossa identidade e como o esteio de sustentação desta nossa sociedade. (Palmas)

Que esses 100 anos sirvam de referência para os jovens que aqui estão e sirvam como sinalização para as próximas gerações, a fim de que possamos celebrar, dentro em breve, mais mil anos de existência, mais mil anos de construção e mais mil anos de feitos. O nosso desejo é o de fazer do dia de hoje um dos dias mais importantes das nossas vidas. (Palmas)

Aproveito o ensejo a fim de convidar o Sr. Cícero Rodrigues França, Pai Muguanxi, para receber uma lembrança desta Casa e da Comissão Especial da Promoção da Igualdade em comemoração aos 100 anos de existência do Terreiro Bate Folha.

(O homenageado recebe a homenagem.) (Muitas palmas)

Obrigado a todos e a todas pela fé e pelo respeito ao próximo.

Obrigado a todos vocês.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Retorno a Presidência desta sessão especial ao seu proponente, o deputado Bira Corôa.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Convido a Sr^a Elisângela Lopes Macota de Linguá para fazer o registro das pessoas e das entidades presentes nesta sessão especial. (Palmas)

A Sr^a Mestre-de-Cerimônias (Elisângela Lopes Macota de Linguá):- Boa-tarde. Bem, em primeiro lugar, quero tomar a bênção ao meu Pai Muguanxi, a Nega Babancenci e a todos os mais velhos. Ao mesmo tempo, gostaria de agradecer a todas as cotas, macotas e tatas do Terreiro Bate Folha.

Agradecemos as presenças de Waldir França Santos, coordenador do Centro de Referência de Combate ao Racismo e à Intolerância Religiosa; Anhamona de Brito, superintendente da Superintendência de Apoio e Defesa aos Direitos Humanos do Estado da Bahia; Camilo Afonso, adido cultural adjunto do Centro Cultural Casa de Angola na Bahia; Elisângela dos Santos Cruz, da Secretaria da Educação do Estado da Bahia; Edmilson Sales, do Terreiro Zoogodô Bogum Malê Rundó; Vera Lacerda, presidente do Ara Ketu; Carlos Kehindê, do Terreiro Ilê Axê Jitolú; Celina Silva de Almeida, presidente da ONG Fundação Lei das Marias; Terreiro Luanda Junça; Paulo José do Sacramento, membro do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial de Lauro de Freitas; Nelson Moreira Queiroz Junior, Ilê Axé Ogum Alakaye; Leonel Monteiro, presidente da Afã; Yália de Oxum, Ilê Axé Tobomi; João Manoel

Cunha, corregedor da Secretaria de Educação do Estado; Evilásio Bouças, Terreiro Awziidi Junçara; Geraldo Silva, vice-presidente do Araketu; Alaíde França, Bloco Alvorada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Aproveito para também informar que o vereador Moisés Rocha nos encaminha um comunicado expressando a dificuldade de poder estar neste ato, mas reafirmando com votos de apreço e de reconhecimento este ato de hoje, parabenizando os 100 anos do Bate folha, também destacando a importância de esta Casa, do Poder Legislativo do Estado da Bahia reconhecer o que para o povo de santo, para o povo da Bahia e para o Brasil já é identificado como um patrimônio da humanidade, como um valor significativo das nossas identidades.

Obrigado, vereador Moisés Rocha. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Aproveito este momento, para conceder a palavra a Tata Cícero, Pai Muguanxi. (Palmas)

O Sr. TATA CÍCERO:- (Lê) “Sr. Presidente, senhor deputado Bira Corôa, proponente da presente sessão, autoridades presentes, senhores e senhoras, celebrar os 100 anos de fundação do Terreiro Bate Folha, é ser arremetido à lembrança de todos aqueles que deixaram seus nomes, ensinamentos e histórias. É perceber o privilégio de ser membro de uma família que agrega, une e compõe uma comunidade.

Este momento único ultrapassa os limites da prática dessa religião de matriz africana e de alma brasileira, que é o candomblé. Impõe-nos às mais altas reverências, louvores e agradecimentos a Mbamburusema NVula, NKisi dona de não só das nossas terras, como também dos destinos de todos os seus. Senhora dos ventos, das chuvas que rege e faz brotar o alimento, senhora que protege sob seus braços aqueles que precisam, mas que também impunha armas e vai à guerra na defesa dos seus domínios e filhos.

Comemorar 1 século de existência solidifica ainda mais as lembranças e heranças deixadas pelo Sr. Manoel Bernardino da Paixão, um homem ímpar, digno, grandioso e dotado de muitos saberes. Mesmo diante das dificuldades, soube como ninguém preservar respeitar os ritos do candomblé Congo-Angola.

É imperativo dizer que enquanto houver uma única folha em qualquer árvore do Terreiro Bate Folha, o senhor será lembrado e honrado pelo legado, sabedoria e solidariedade.

Não podemos deixar de saudar nossa mãe Olga Conceição Cruz, Nengua Guaguansesse, (palmas), que nos orienta, aconselha e nos ensina há mais de 70 anos, nos mantendo unidos e protegidos com força de nossa mãe Kukueto.

Muito obrigado! E viva o Bate Folha.” (Palmas)

(Aplausos de pé)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, ouviremos cânticos.

(Todos ficam de pé acompanhando os cânticos.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra ao representante da Sociedade Beneficente Santa Bárbara, João Antônio Ferreira, Tata Kisendu.

O Sr. JOÃO ANTÔNIO FERREIRA:- Primeiramente, peço a bênção a todos os meus mais velhos, aos meus irmãos, às minhas irmãs, ao Sr. Presidente da Mesa, demais componentes. Minhas senhoras, meus senhores, boa tarde.

(Lê) “Para os que não me conhecem, meu nome é João Antônio, Tata Kisendu confirmado há 43 anos e também presidente da Sociedade Beneficente Santa Bárbara, representante civil do terreiro Bate Folha, também fundada pelo Sr. Manoel Bernardinho da Paixão, em 1920. A finalidade específica era proteger o culto aos Inkises dentro da tradição Muxi Cono, organizar festejos, promover o bem-estar dos associados menos favorecidos nas horas mais difíceis – isso naquele tempo –, como dificuldade para compra de medicamentos para tratar doenças graves e até para realizar enterros. O objetivo era também promover e organizar as festas referentes ao culto que ocorrem durante o ano, notadamente, no dia 10 de agosto, quando festejamos 'Tempo', e no início de dezembro, quando festejamos 'Bamburucema'.

A Sociedade Beneficente é composta pelos filhos de Santo, amigos e simpatizantes. Na nossa história, sempre tivemos pessoas que, mesmo não sendo iniciadas, sempre se dispuseram a ajudar a Casa e seus filhos, para cumprir preceitos e obrigações. E aqui gostaria de registrar nomes que se destacaram, como o de Dona Isaura Boaventura Costa, mãe de Maria, Dona Júlia Isabel Santos, professor Dr. Jorge Lobo, Dr. Lemos Brito, professor Álvaro Zózimo, professora Maria Bernadete e Araci Lisboa, que sempre estiveram ao lado dos pais de Santo e de mãe Ganguacensse, cada um na sua época e área de atuação, buscando soluções para que nada faltasse para os Inkises, ajudando a promover cultos e os festejos no Bate Folha, sempre fartos, simples e de singular beleza estética.

Acredito que o nosso fundador criou a Sociedade Beneficente Santa Bárbara por determinação ou mesmo inspiração de Bamburucema, a dona do nosso chão, pois, embora seu Inkise de frente fosse Lembá, a aquisição da terra onde se encontra o nosso terreiro se deu pela intercessão do Inkise Bamburucema, sincretizada com Santa Bárbara da mesma forma como acontece com Iansã. Daí os festejos da Santa ocorrerem no início de dezembro, preferencialmente no dia 4, quando também, no ano de 1920, foi fundada a Sociedade. Portanto, o Bate Folha faz 100 anos, e agora estamos festejando. A nossa Sociedade, um pouquinho mais nova, tem 96 anos. Quer dizer, em 2020, estaremos aqui fazendo 100 anos da Sociedade Beneficente Santa Bárbara, com fé em Deus.

A Sociedade surgiu da necessidade do diálogo com a sociedade civil, para ter uma representação junto às instituições públicas e privadas, numa época em que os candomblés eram perseguidos e o preconceito era preponderante. Além disso, acolhia amigos e simpatizantes que queriam contribuir para promover festejos dos Santos de

sua devoção. Eles participavam do candomblé, faziam pedidos, e geralmente suas demandas eram atendidas. Tinham a proteção dos Inkises, mas nem todos, necessariamente, eram iniciados. Fazem parte dela: médicos, advogados, engenheiros, dentistas, bancários, políticos, policiais, pedreiros, carpinteiros, industriários, comerciantes, fateiras, açougueiros, estivadores, motoristas, professores, contadores e outras profissões, ou seja, todas as profissões, etnias, credos, gêneros – ideais políticos diferentes, mas que convivem e se toleram em prol da manutenção do culto e do espaço sagrado.

Sr. Bernadinho tinha consciência de que, para manter o culto dos Inkises, como ele desejava, era preciso ter, entre seus filhos e colaboradores, pessoas com trânsito nos diversos setores da sociedade. Pessoas que, por amor à Casa, tivessem disposição para resistir as discriminações e preconceitos, ajudando a construir esse patrimônio religioso, natural e cultural, que hoje pertence não só ao povo do Bate Folha, mas ao povo baiano. Foi reconhecido nacionalmente como patrimônio do povo brasileiro, visto que foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 2003, pelas suas características singulares que vão além do culto aos Inkises, pois, como sabemos, o espaço faz parte da história dos negros na Bahia.

Quando Sr. Bernadinho tomou posse da terra para iniciar o seu terreiro, na Mata Sagrada, encontrou assentamentos de origem Gêge, os quais manteve e guardou, e lá se encontram até hoje. Até alguns anos atrás, irmãos da nação Gêge vinham de Cachoeira para o Bate Folha fazer oferendas e cultuar divindades em local específico da nossa Mata.

Também existem publicações sobre a memória da água na Cidade do Salvador que registram a existência de um reservatório de água, para abastecimento de parte da cidade, na Lagoa da Prata, no Bate Folha, onde ainda hoje encontramos vestígios de construção civil do século XIX, entre outros registros históricos da fazenda Bate Folha. Tudo isso sem contar que a Mata Sagrada é parte remanescente de mata atlântica e, por si, contribui para a qualidade do ar que respiramos em nossa cidade.

Hoje sabemos que as sociedades civis representantes dos terreiros de candomblé tiveram grande importância em patrocinar a união entre as casas tradicionais. A diversidade na composição de cada uma delas contribuiu para que as pessoas se encontrassem fora dos terreiros, ocasião em que trocavam ideias em busca de informações e unidades de pensamento para o enfrentamento de problemas comuns em suas casas. Respeitavam, assim, as diferenças entre nações e estimulavam o orgulho por suas origens, a autoestima e muita fé nos encantados.

Para nós, hoje é um dia de agradecimento pelo reconhecimento da Assembleia Legislativa da Bahia, que nos brinda com esta homenagem, pela passagem dos 100 anos de nossa Casa. Quero agradecer especialmente ao Deputado Bira Corôa, o responsável pela proposta. (Palmas) À Fundação Pedro Calmon, à Fundação Palmares, à Secretaria de Promoção da Igualdade Racial, à Secretaria de Política para as Mulheres, à Secretaria da Cultura, que tornaram possível a realização desses festejos que se iniciam hoje, continuam com uma missa de ação de graças no dia 27,

domingo...”, e convido a todos vocês, “(...) às 09:00 na Igreja do Rosário dos Pretos, logo após seguiremos em procissão até o nosso Terreiro, onde iremos nos confraternizar. Nos dias 03 e 04 estão programados seminários e apresentações artísticas. Finalmente no dia 10 a festa em homenagem a nossa grande mãe Bamburucema, a dona da nossa casa.

Nossos agradecimentos também aos amigos das casas irmãs: Casa Branca, Gantois, Axé Opô Afonjá, Alakêto, Oxumaré, Tumba Jussara e Ventura em Cachoeira, terreiros tombados pelo IPHAN...”, quero agradecer a presença de todos os terreiros, mas só estou me referindo a esses, porque existe a troca de ideias pois somos terreiros tombados na esfera federal, embora torçamos para que todos os outros sejam também. “(...) que tanto contribuíram com sua amizade e troca de informações tão importantes para o bem-estar das comunidades de terreiro, sempre sob a coordenação da nossa querida amiga Desirée Tozi e nosso incansável André do Candomblé Oxumaré, que coordenou precioso curso que possibilitou nossa juventude desenvolver o Projeto Bate Folha 100 anos, sonho que começa a se realizar aqui, hoje.

Agradecimento especial a Mãe Estela de Oxóssi, que no dia do tombamento do Axé Opô Afonjá... (Palmas) (...) indicou e comentou com o ministro que presidia a solenidade sobre a importância do tombamento do Terreiro Bate Folha, aos irmãos Ribamar, Fernando Coelho e Cléo Martins que tanto nos ajudou na organização da cerimônia de tombamento, inclusive financeiramente. Ao povo do Gantois cuja relação de amizade e confiança vem desde os tempos de Mãe Menininha e perdura até hoje, com demonstrações de apreço parte a parte cristalizadas na amizade de Maria Bernadete, Araci e Mãe Carmen e Mãe Ganguacesse.

À casa Branca e ao Candomblé de Oxumaré que também nos ajudou com a participação do Professor Ordep Serra, que fez o parecer antropológico para o tombamento do nosso terreiro. Ao povo do Alakêto, que nas trocas de informações e demonstração de carinho da saudosa Mãe Olga de Alakêto e equede Nirinha, nos mostraram o caminho das pedras. (Palmas)

Agradecimento especial aos que nos trouxeram até aqui. Os sucessores de Bernardino: Pai Pedro de Oiá, Pai Joca, Pai Dudu. (Palmas) Um agradecimento especialíssimo a Mãe Ganguacesse que iniciada por Bandaguame, sempre o acompanhou, e após sua morte, todos os Tatas que assumiram a direção da roça. Eis aí a grande Mãe do Bate Folha. (Palmas) Nossa orientadora, baluarte da manutenção e sobrevivência das nossas tradições dentro do terreiro, a mãe que orienta todos, ensina, repreende, protege e dá carinho, sempre iluminada por Kukueto sua mãe e mãe de todos os Inkises e de todos nós dessa casa do Bate Folha.

Não posso finalizar sem antes agradecer a Lembá, como fazemos em todas as nossas funções. Mas esse agradecimento é muito especial. Isso porque mais uma vez é um filho dele que entrega sua mão à vontade dos Inkises da casa; é mais um filho dele que se dedica a cuidar da casa, das pessoas que lá estão e os que nos procuram, é mais um filho dele que se entrega de corpo e alma por amor aos Inkises que moram no Bate Folha. Estou falando de Cícero, Taata Muguanxi, nosso querido Pai Cícero...

(Palmas) (...) que entrou no Terreiro ainda criança, trazido pelo seu tio, nosso saudoso, querido amigo Maracanã. Conheci em 1986 quando voltei a morar em Salvador; ficamos amigos, somos irmãos. Amizade de 30 anos...” Parece que foi ontem. “O Bate Folha, sem sombra de dúvida, tem um Pai que honra a memória dos seus antecessores e merece sentar na cadeira que foi do nosso avô Bernardino, suas virtudes são a seriedade, simplicidade, honradez, na honestidade, respeito ao próximo e, principalmente, amor aos Inquices.

Estivemos lado a lado em diversas demandas, sempre a favor da Casa, sempre acompanhados por uma guerreira, filha de Bamburucema, Macota Mubenquiá, também conhecida como Katia do bate Folha, minha esposa, amiga e companheira de luta, que não está aqui presente hoje porque está acamada. Quantas noites, quantos dias, quantas decepções e quantas vitórias. A maior de todas é a união dos filhos e amigos da casa, à custa de muita compreensão, paciência e amor. A certeza de que novos quadros estão formados e continuarão a crescer para zelar e dar continuidade ao culto dos Inkises dentro da tradição Muxi Congo, como era a vontade explícita do fundador. Sob seu comando a casa cresce dando continuidade ao que foi plantado pelos seus antecessores.

Finalmente agradecemos aos mais novos, que tanto se esforçavam para organização deste evento frequentando o curso oferecido pelo IPHAN, cujo resultado já está acontecendo; Carla, Makota, Ana, Lili, aos Xicarongomes que com maestria cada vez mais abrilhantam nossas festas, mantendo a tradição do canto e toque irrepreensíveis dentro da nossa tradição. Enfim agradecer aos Inkises que todos os dias abrem e fecham os nossos olhos, cujos ensinamentos nos traz o orgulho de ser negros, alimentam nossa autoestima, despertam nossa consciência para o bem-estar de que é ser o que você realmente é, ter respeito pelo irmão, ser forte, justo e leal.

Obrigado. Que meu pai Inkose abre o caminho de todos para que tenham SAÚDE, PAZ, FELICIDADE E PROSPERIDADE.

E como uma vez me disse Dudu. Quando o Santo quer, água fria é remédio”.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto do orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Aproveito para convidar para compor a Mesa o representante da Secretaria de Políticas para as Mulheres, Alexandre Reis. (Palmas)

Aproveito também para registrar a presença do deputado Aderbal Caldas. (Palmas) Mais uma vez agradecer, Aderbal. Complementaremos agora os registros de presenças com a Sr^a Elisângela Lopes. (Palmas)

A Sr^a Elisângela Lopes:- Sr. Heather Marques, do Consulado Americano; Assessoria da Deputada Fabíola Mansur; Bárbara Virgens, Diretora do Departamento Jurídico da APLB; Renilda Góes. da Seplan; Antônia Maria Almeida Alves, Secretária

Municipal de Educação; Jacira Máxima dos Santos, Diretora da Organização Direito de Viver; Erivaldo Nunes, professor da Universidade Federal da Bahia e do Instituto Federal da Bahia; Denise Maria Bandeira França Santos, da Universidade Federal da Bahia; George Diniz Teixeira, da Universidade Federal da Bahia; Jamile Anderson, da Universidade Federal da Bahia; Rita Marcelina Sacramento, da Secretaria Municipal da Educação; Irana Si Kele Santos, presidente da ONG Direito de Viver; José Carlos Pereira de Santana, da Secretaria de Desenvolvimento Rural; Ângela Inês da Costa Bacelar, da comunidade da Mata Escura; Companhia da Mata, grupo de dança; Eliane Fátima Boa Morte do Carmo, coordenadora pedagógica da Secretaria da Educação do Município; Nadja Conceição de Jesus Miranda, representante do Sr. Carlos Hassler, comandante e diretor de ensino do Colégio Militar de Salvador; Leda Oliveira de Souza, diretora administrativa da Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia; Andrea Montenegro do Ilê Axé Oyatolá, representando a ialorixá Raidalva Santos; Beatriz Vitória de Almeida, presidente da juventude da ONG Lei das Marias; Cristiane Taquari, Makota do Terreiro Tumbenci de Mameto Zulmira, da Secretaria da Cultura; Jocenilda Barbosa Bispo, Ya Kekere do Ilê Alaketum; Marcelo Santos, do Movimento Tenho Fé Sou de Candomblé, de Santo Antônio de Jesus; Wesley Tavares da Silva, babalaxé do Terreiro Axé Yuela Fé; Régia Ribeiro, da Casa do Benin; E Alexandro Reis, diretor da Unegro. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Aproveito também para fazer uma correção e pedir desculpas porque Aiamona está representando o secretário da Justiça, o secretário Geraldo Reis, e quero convidá-la para a Mesa. (Palmas)

Convido agora para apresentação de dança o Grupo de Dança Companhia da Mata, coreografia Oyá. (Palmas)

(Apresentação de dança.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra ao diretor da Fundação Pedro Calmon, Sr. Zulu Araújo, representando o secretário de Cultura Jorge Portugal.

O Sr. ZULU ARAÚJO:- Boa-tarde a todos e todas. Em nome do secretário de Cultura Jorge Portugal, eu gostaria de, em primeiro lugar, saudar o meu amigo deputado Bira Corôa pela iniciativa e por esta sessão especial. Aproveitar e saudar o centenário do Terreiro do Bate Folha por meio da nossa grande líder espiritual Mãe Olga, que, do alto dos seus 91 anos de idade, nos brinda com essa manifestação não apenas de fé, mas também de força da mulher, para quem eu peço um salva de palmas. (Palmas)

Quero, também, saudar aqui um novo amigo que construí nesse trabalho que estamos fazendo junto com o Bate Folha, o meu amigo Tata Cícero, que com sua tranquilidade e seriedade, como bem disse aqui João Antônio, tem contribuído e muito para que possamos trabalhar com tranquilidade. E quero, também, saudar um representante do nosso continente mãe, da nossa terra Mãe África, o meu querido amigo Camilo Afonso, (palmas) angolano, que está aqui presente.

É rápido o que tenho para dizer. A Fundação Pedro Calmon, para quem não sabe, é responsável, dentre outras coisas, em assegurar a memória privada de interesse público no Estado da Bahia. E, nesse sentido, temos trabalhado junto ao Terreiro do Bate Folha para que essa missão seja cumprida. E tenho certeza de que, a partir do dia 3 de dezembro, teremos não apenas a celebração dos 100 anos do Bate Folha, mas um memorial que deixará registrado definitivamente na nossa história, a importância do trabalho desenvolvido pelo Bate Folha no campo social, no campo cultural, mas, sobretudo, no campo espiritual.

Toca a zabumba que a terra é nossa! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra ao Sr. Ailton Ferreira, neste ato representando a secretária de políticas para a promoção da igualdade do Estado da Bahia, Fabya Reis.

O Sr. AILTON FERREIRA:- Gostaria de saudar o deputado Bira Corôa em nome da secretária Fabya Reis que, neste momento, está em Correntina, ontem esteve em Barreiras, depois que saiu do juri simulado na Uneb, e me deu esta tarefa de representá-la, o que faço com imensa satisfação e alegria. Gostaria de cumprimentar e pedir a benção a Nêngua Guanguansensa, a nossa líder espiritual; a Kota Nemdembu, que há pouco nos brindou com uma entrevista aqui fora; e ao Pai Muguanxi, que chamo civilmente, como Zulu falou aqui, Cícero, amigo e irmão.

Gostaria de saudar toda esta plenária, tomar a benção, cumprimentar a Casa de Angola, aqui representada pelo nosso amigo Camilo Afonso, e dizer que a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial do Estado da Bahia é uma secretaria diferente das demais. A Secretaria da Saúde, a Secretaria da Administração, a Secretaria de Finanças, da Fazenda, essas secretarias vieram nas esquadras portuguesas, não nos navios negreiros, mas nos navios que vieram da metrópole portuguesa para colonizar. (Palmas) As nossas secretarias, são secretarias que nasceram da luta do nosso povo: Secretaria de Reparação, Secretaria de Promoção da Igualdade, políticas para o povo negro, políticas para quilombolas, povos indígenas, para os povos de terreiro, políticas para as mulheres, que estão aqui representadas. Essas são outras políticas para o povo que durante muito tempo ficou invisibilizado, que não foi tratado de forma humana, não foi tratado de forma justa. O Brasil foi, deputado Bira Corôa, feito desse jeito tão perverso. Uma turma que chegou somente para mandar e, nós outros fomos percebidos somente para obedecer. O que estamos fazendo aqui, no Novembro Negro e nas lutas de todo o nosso tempo, é mudar essa lógica, não para sermos os novos senhores de escravos, mas para acabar com a escravidão. Nem escravo branco, nem escravo preto.

O mundo como diz D. Hélder Câmara não precisa de escravos. Esta sessão celebra aqui, Alaíde do Alvorada, celebra aqui Cristiane Taquari, o entendimento da Casa Legislativa do Estado da Bahia de que os terreiros devem, sim, ser

reconhecidos; a religião do Candomblé deve ser reconhecida e respeitada; a Década Afrodescendente deve ter o seu plano executado, apreciado e respeitado pela Bahia. Foi aqui que nasceu a Década Afrodescendente num encontro com a presidente Dilma.

O governo do Estado aderiu a essa determinação da ONU, a nossa Secretaria junto às Secretarias parceiras, como a Cultura, a Fundação Pedro Calmon, a Secretaria das Mulheres, da Educação, tem buscado fazer as políticas públicas que o povo negro, que o movimento negro construiu quando, ainda num passado recente, algumas das suas lideranças eram chamadas de loucas, de apaixonadas ou de mal-amadas, porque diziam que havia racismo, que tem racismo.

E depois, só muito depois, é que o Estado brasileiro começa a compreender que tem uma pobreza estruturada pelo racismo, e muito depois dos movimentos sociais, do movimento negro, é que o Brasil coloca na sua pauta, na sua agenda pública e política, as políticas afirmativas de superação dos males que o racismo produziu. Então, a Sepromi tenta fazer isso, a SPM tenta fazer isso, a Fundação Pedro Calmon tenta fazer isso. Mas todos esses nossos fazeres resultam da luta do povo negro, resultam do povo de Santo e resultam do povo de Candomblé.

Deputado Bira, quando V.Ex^a faz esta sessão, promove esta sessão, aprovada pela Casa, é o reconhecimento do Poder Legislativo à nossa contribuição civilizatória, à nossa contribuição para a educação, à nossa contribuição para a saúde. Gosto de repetir e França diz que estou repetindo isso, às vezes demais, mas repito, França, porque antes do SUS, antes do Saúde Bradesco, antes do Planserv quem cuidava do nosso povo eram as Santas Casas de Misericórdia ou os Terreiros de Candomblé com a água, o chá, o banho, a esteira, o mingau de cachorro, os remédios que o povo produziu. Muito antes de se tratar de ecologia, como se trata hoje, o nosso povo de santo compreendia e compreende, e nos ensinou que sem folha, sem água não tem culto, não tem vida.

Então, antes do Greenpeace, antes do Partido Verde, antes dos ecologistas de hoje tivemos os tatas e as nossas mães de ontem e de hoje para cuidarem da natureza. O Estado brasileiro nos deve muito mais, porque se não fosse a nossa contribuição civilizatória a barbárie seria bem maior. A educação passou pelos nossos terreiros, o cuidado com as crianças passou por nós, muito antes do Estatuto da Criança.

Sabemos, no Terreiro, que a criança não é miniatura de gente grande, a criança é um ser em construção, é um ser único. Respeitamos os erês desde cedo, assim como respeitamos as pessoas idosas, muito antes de ter Estatuto de Idoso, porque sabemos que as pessoas idosas são as nossas referências vivas e as nossas enciclopédias. Muito antes de se falar em cidadania LGBT, aprendemos nos terreiros de Candomblé a respeitar a diversidade e a orientação sexual das pessoas (palmas) e a tomar-lhes a benção, a respeitar e bater a cabeça.

Ontem, Dr^a Márcia Virgens, eu estava futucando a nossa procuradora-geral, que, dentre outras coisas, além de ser irmã, filha da Casa, ela também foi promotora do Ministério Público. Eu estava lembrando com ela que em 97 foi criada a primeira

Promotoria de Combate ao Racismo e à Discriminação Racial. Essa promotora não está com o oja cobrindo o ori, porque está na bolsa, mas ela é de candomblé. (Palmas)

Ontem presenciamos na Uneb um júri simulado feito pela Defensoria Pública para o julgamento de Luiza Mahim. Foi sério, com todas as nuances de um julgamento. Até o lugar da defesa foi longe do juiz, e a acusação, perto. Isso significa que dentro da Defensoria Pública já temos parceiros e parceiras negras e negros, ou não, para falarem as nossas falas, porque combater o racismo não é só uma questão de preto e de quem é do candomblé.

Aliás, estamos até cansados. Zulu já está ficando de cabelo branco. Tem que ter mais gente para ajudar nesse combate, porque o racismo faz mal ao preto e ao branco. (Palmas) Não tem sociedade legal com hierarquização entre pessoas.

Quando eu vejo esta Mesa tão ampliada e diversa, com Mona Brito lá na ponta, a nossa Superintendente de Direitos Humanos...

Outro dia, estávamos na atividade e o senhor fez o que eu nem Mona pudemos fazer, Dr. Robson. Era uma atividade de governo, onde haviam várias mãos que se cruzavam. Na fala dele, começou errado, ele perguntou: “Cadê a mão preta, que não está no painel?” Nós dissemos assim: “Que bom, porque a gente está no governo, e não podemos fazer essas coisas.”

Eu penso que a democracia precisam da gente, o combate ao racismo ajuda a melhorar a cara do Brasil, que está ficando melhor graças à nossa luta, à compreensão, porque, a despeito das crises no plano ideológico entre as esquerdas e nos países, a nossa luta é uma pauta atual que temos que cumprir com gosto, porque estamos caminhando para melhorar o Brasil, para ser mais inclusivo.

No terreiro não se pede RG nem CadÚnico para dar comida a ninguém. No dia em que o Brasil aprender a ser tão fraterno como nos terreiros não vamos precisar de cadeia para crianças de 14, 15 anos, porque lá, lugar de criança é brincando, aprendendo e sempre acolhida. No dia em que a sociedade brasileira aprender a acolher, beijar, abençoar, botar no colo e a dar banho, assim como fazemos nos terreiros, o Brasil será um outro país.

Não precisa todo mundo se converter, não, basta aprender como se faz.

Axé. Boa-tarde. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Aproveito para registrar a presença da deputada Fátima Nunes. (Palmas)

Concedo a palavra à procuradora Márcia Regina Virgens makota sambadakata. (Palmas)

A Sr^a MÁRCIA REGINA DOS SANTOS VIRGENS:- Boa-tarde a todos e a todas. Sua benção, inicialmente, Mãe Guanguansense, kumakiu, a benção Pai Munguanxi, kisandio.

Quero, inicialmente, cumprimentar a Mesa, na pessoa do proponente da sessão, deputado Bira Coroa, e esclarecer que fui surpreendida na tarde de hoje com a designação da Sr^a Procuradora-Geral de Justiça, Dr^a Ediene Lousado, para representá-la nesta sessão histórica, comemorativa do centenário do Bate Folha.

Então, do ponto de vista institucional, estou representando uma instituição aqui, o Ministério Público do Estado da Bahia. Não estou a caráter como kota sambadakata, mas não é motivo de não pedir a bênção, não pedir a banda gira, não pedir agô aos irmãos e às irmãs, aos tatas, às kotas presentes, por isso o faço agora: a benção agô banda gira. (Palmas) Quero pedir vênia, pedir banda gira para cumprimentar as irmãs, irmãos e amigos. Quero cumprimentar o Plenário na pessoa do Sr. Gabriel Marques, representante da comunidade Baha'i em nossa cidade, em nosso Estado, e a sua esposa Heather Marques, representante da agente consular dos Estados Unidos aqui, em nosso Estado. (Palmas) Serei breve, porque tudo o que já foi dito aqui nesta tarde histórica foi de salutar importância. Estou muito tocada e emocionada, tendo em vista a força dessa religião, dessa comunidade do terreiro do Bate Folha.

Cem anos não são 100 dias. Manter unido esse povo de santo durante 100 anos, conduzido com maestria, humanidade, liderança espiritual incontestada de Mãe Guanguansense, unifica e emociona a todos nesta tarde.

É preciso registrar que o Ministério Público do Estado da Bahia, nos últimos 30 anos, foi a primeira instituição a levantar a bandeira do combate à discriminação racial, à intolerância religiosa, secundado depois por inúmeras outras instituições, como esta Casa Legislativa, a Defensoria Pública e tantas outras instituições do Poder Judiciário.

Então, é importante fazer justiça ao Ministério Público do Estado da Bahia, aos promotores, aos procuradores de Justiça, à Dr^a Ediene, que não pôde comparecer nesta tarde por motivo de força maior, designando-me para aqui representar a nossa casa.

Quero dizer também que não é à toa que o Terreiro do Bate Folha, tata Munguanxi, mãe Olga, minhas irmãs e meus irmãos, foi fundado no dia 10 de dezembro. Essa data é significativa para a humanidade. Dez de dezembro é o dia consagrado aos direitos humanos, é a data universalmente consagrada aos direitos humanos, e isso só foi muito depois do nascimento do Bate Folha, já preconizando que esta Casa, que esses inkices, que bamburusemagula, que lembá queria estar à frente do nosso tempo, defendendo a humanidade, os filhos da Bahia, os filhos de Salvador. É extremamente importante deixar isso registrado aqui.

Agradeço também, como muitos agradeceram, por ser uma filha de oyá, de bamburusema, agradecer ser mãe, ser uma kota de lembá furama, agradecer pelas

vitórias que tenho tido na minha vida, agradecer pelo fato da minha filha, Júlia Isabel kota kiatumbi, ter sido feita nesta casa séria, nesta casa de axé, de gunzo, e a proteção que lá atrás a minha avó Júlia Isabel, comadre de Seu Bernardino e de Seu Bandanguame, já naquele tempo, inspirou toda a família a adorar, a reverenciar esses Inkisses.

Era o que eu tinha a dizer. Muito obrigada!(Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Aproveito para registrar a presença do Sr. Gildásio Francisco de Jesus, diretor da Acopamec.

Convido, neste exato momento, para fazer uso da palavra, o major Peixoto, neste ato representando o comandante-geral da Polícia Militar do Estado da Bahia. (Palmas)

O Sr. MAJOR PEIXOTO:- Boa-tarde a todos e a todas!

(Lê) “A raça humana é uma semana... trabalho de Deus!” Disse o Gilberto Gil.

Neste período do ano é muito comum ouvir vozes hipócritas defenderem o argumento de que não existem raças, mas uma única raça: 'a raça humana!'

Realmente, como bem diz o eminente antropólogo congolês radicado no Brasil, Kabengele Munanga, falar em raças diferenciadas é utilizar um conceito cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana.

Entretanto, a história desta mesma raça humana conta uma versão bastante diferente. Já se ouvia na França do século XVII o emprego do termo raça no sentido de classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados. Tal classificação foi elaborada no sentido de estabelecer uma escala de valores, perversamente favorável aos brancos, entre estas raças e criar uma relação peculiar entre os traços físicos e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais.

O professor Munanga afirma:

Assim, os indivíduos da raça 'branca', foram decretados coletivamente superiores aos da raça 'negra' e 'amarela', em função de suas características físicas hereditárias, [...] que segundo se pensava, os tornam mais bonitos, mais inteligentes, mais honestos, mais inventivos, etc. e conseqüentemente mais aptos para dirigir e dominar as outras raças. [...]

Estava, então, definitivamente pavimentado o caminho para que a parte branca da raça humana protagonizasse alguns dos mais abjetos episódios da trajetória humana neste planeta.

A destruição das monumentais civilizações Asteca e Inca no século XVI pelos espanhóis. O quase extermínio das culturas indígenas brasileiras pelos portugueses e das culturas indígenas americanas pelos ingleses.

O assassinato em massa de 6 milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial.

O genocídio de mais de 80 mil pessoas das etnias hererós e namaquas na atual Namíbia, pelos alemães.

O empreendimento do *apartheid* na África do Sul, um regime de segregação adotado entre 1948 e 1994.

O empreendimento da empresa escravocrata europeia que, durante mais de 3 séculos, drenou mais de 10 milhões de seres humanos do continente africano e os escravizou nas terras americanas.

Percebe-se, desta forma, que a divisão da humanidade em raças diferenciadas e hierarquicamente concebidas foi provedora e legitimadora de políticas agressivas, atentatórias aos valores humanistas e democráticos da sociedade moderna. Esse senso comum identificava os brancos como superiores e as demais como reacionárias ao progresso, supersticiosas, ignorantes, irresponsáveis, infantis, preguiçosas e até mesmo animais, imorais e sanguinárias.

Não havia melhor argumento para invadir, saquear, aprisionar, escravizar e matar, como bem diz o antropólogo baiano Renato da Silveira: 'Era muito difícil fazer cativos sem, de alguma maneira, depreciar os povos escravizados, justificando a violência e o arbítrio!' O Brasil é um capítulo à parte neste contexto. Um País de dimensões continentais, cuja economia por 3 séculos e meio esteve assentada no trabalho dos escravizados e foi um dos últimos a abolir oficialmente a escravidão. Tal período deixou marcas profundas na superfície da sociedade brasileira, ainda que muitos pensadores, como Gilberto Freyre, acreditavam que o Brasil era a mais avançada democracia racial do mundo.

Para o proeminente geógrafo baiano Milton Santos:

Ser negro no Brasil é, pois, com frequência, ser objeto de um olhar enviesado. A chamada boa sociedade parece considerar que há um lugar predeterminado, lá em baixo, para os negros e assim tranquilamente se comporta.

Já para Munanga, nosso racismo é um crime perfeito, porque a própria vítima é que é responsável pelo seu racismo, quem cometeu não tem nenhum problema. Marilena Chauí afirma que os negros no Brasil são vistos como inferiores e perigosos; estas duas concepções, embora presentes, são sistematicamente ocultados por um mito, o da não violência brasileira, que permite afirmar que não há racismo no Brasil.

Enquanto isso, 8% das mulheres negras têm um bom atendimento médico; 80% dos atendimentos e internações no SUS são de pacientes negros; 46% das mulheres negras até 25 anos nunca fizeram exames de mama e a taxa de mortalidade materna entre as mulheres negras é 65,1% superior à das mulheres brancas.

A taxa de distorção idade-série no Ensino Fundamental atinge 22,7% da população negra em relação a 12,4% da população branca e no ensino médio esta

relação e de 36,6% para 24%. Ao mesmo tempo em que a taxa de homicídios entre a população cai 25% entre negros sobe 30%.

Esta conjuntura demonstra que o racismo é algo concreto, presente e atuante no Brasil e que impede que uma considerável parcela da população seja integrada à sociedade como cidadãos e cidadãos plenos em direitos e oportunidades.

A Polícia Militar da Bahia, uma PM negra, é, como todos os aparatos de segurança pública no nosso País, um capítulo à parte. No passado protagonizou lamentáveis episódios de repressão a levantes de escravizados e ajudou na perseguição aos terreiros de Candomblé. Na atualidade os lamentáveis episódios de abuso de autoridade e uso imoderado da força, que ainda tem como alvo pessoas negras.

Entretanto, a PMBA tem nos últimos 10 anos tentado se reinventar neste mister. Foi a primeira organização policial militar a criar um Núcleo de Religiões de Matriz Africana e através dele tem oportunizado a discussão do racismo com o público interno.

Mais recentemente, através de um Grupo de Trabalho em parceria com a Secretaria da Promoção da Igualdade Racial, temos realizado desde o ano de 2015 atividades de sensibilização em gênero e raça para mais de quatrocentos policiais militares, praças e oficiais.

Ocorre que o racismo, esta crença fundada em uma hierarquia entre raças, impõe um direito hegemônico de uma raça, tida como pura e superior, em dominar as demais é antes de tudo um sistema político baseado na extrema hostilidade sobre os considerados inferiores, discriminando-os, apartando-os e hostilizando-os.

Cabe, portanto, a todos nós, policiais militares e não policiais militares, uma atuação vigilante e politicamente atuante. Desta forma, parabeno o nosso deputado Bira Corôa por esta iniciativa que, ao meu juízo, é de suma importância para a comunidade negra, a sociedade brasileira e o povo de Santo desta terra.

Todos nós, sociedade e Estado, precisamos desconstruir o perfil preconceituoso e discriminatório que nos emoldura. Precisamos nos reinventar, pois só assim proveremos de cidadania plena os negros e negras deste País”.

Vida longa ao Bate Folha! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Concedo a palavra à deputada Fátima Nunes. (Palmas)

A Sr^a FÁTIMA NUNES:- Boa-tarde a todos e a todas.

Saúdo as autoridades da Mesa na pessoa do deputado Bira Corôa. Já há uns 2 ou 3 mandatos ele preside a Comissão da Promoção da Igualdade e, nesta Casa, é um

bandeirante da nossa luta de combate a todas as desigualdades. Mas, é claro, a luta contra a desigualdade racial tem sido predominante no seu trabalho.

Até porque nós precisamos muito ampliar a presença de mulheres e homens negros nos diversos setores de trabalho deste Parlamento, seja com o cargo de deputado, como nos demais espaços da Casa, onde muitas vezes são assessores contratados e que estão aqui a representar, no dia a dia, o povo da Bahia, e a lutar para que tenhamos mais direitos, mais justiça e mais oportunidades.

Quero ser bastante breve e dizer que, apesar de já estar aos 63 anos e ter estudado no Santíssimo Sacramento de Alagoinhas, eu só vim aprender, entender, participar e integrar as lutas pela igualdade racial muito tempo depois de formada em professora. Imaginem! Li muitos livros de história, mas que história era essa, que foi contada pra mim, que foi passada para todos nós pelos livros da história que encontramos até agora em salas de aula?

Foi toda uma luta para que as leis, nestes períodos mais recentes, quando o ativismo da luta social e por justiça e igualdade tem levado para o Parlamento federal e aqui para a Assembleia Legislativa propostas que têm se transformado em leis. Ainda temos muito a fazer para que essas leis não fiquem apenas na letra e sejam traduzidas em ações diárias em nosso comportamento, na nossa vivência e na nossa convivência com a sociedade.

Portanto, queria parabenizar, em muito, o deputado Bira Corôa e todos os movimentos que não se calam no dia a dia, mas criam momentos na escola, no candomblé, na vida da sua comunidade local ou nesses grandes condomínios por aí fora. Às vezes, olho na sala de recreação do condomínio em que moro agora, meio chique, apesar de eu ser muito popular, e observo, na sala da dança, o ritmo zuca, muito bonito, de muito requebrado. Mas é muito difícil de aprender para as pessoas que estão lá. A gente sabe que quem vem da cultura, da matriz africana, em 2 passos já está ali resolvendo tudo, já aprende a ginga rapidamente. Queria parabenizar muito, porque se não houver os protagonistas, como disse a nossa promotora, aqueles e aquelas que no dia a dia fazem as cabeças pensarem, como disse Ailton, os que balançam as pessoas para dizer: “Olha, não importa a tua cor, tu é gente, tu é pessoa. E nós temos o direito de ser iguais”.

Canto muito uma musiquinha da escola que dizia:

(A deputada cantarola.)

“Vou botar fogo no engenho

onde o negro apanhou

O negro é gente e quer escola

Quer dançar samba e ser doutor

Dança aí, negro nagô.”

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Algum dos membros da Mesa ainda deseja fazer uso da palavra? (Pausa)

Bom, os membros da Mesa se sentem devidamente representados pelos que os antecederam. Neste momento exato, convido o grupo para um canto de encerramento. Enquanto é preparado o canto de encerramento, quero apenas agradecer a todos e todas que construíram este ato, aqueles que se dedicaram ao longo de mais de um mês, trabalhando para que este evento fosse realizado. Em nome de França, quero saudar e agradecer a todos e todas, especialmente aos nossos gabinetes, nossas assessorias, mas também aos servidores e servidoras desta Casa, que, com muito afinho, muita dedicação e muito respeito, têm nos proporcionado realizar ações e atividades tão significativas, tão importantes como a do dia de hoje.

(Apresentação do canto.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Eu estava tentando fazer uma planilha do tempo. Na expressão desse tempo, os 100 anos representam 1.200 meses; 5.400 semanas; 36.500 dias; 876 mil horas de existência e de resistência.

Posso dizer que esta sessão entra nos Anais desta Casa como um dos registros mais presentes em nossa cultura negra, baiana, brasileira, no Poder Legislativo do Estado da Bahia.

Obrigado ao Bate Folha por nos permitir ter no egrégio Poder constituído, Poder Legislativo do Estado da Bahia, a nossa referência negra, nossa cultura, nossa religiosidade, nossa força, nossa fé, mas, acima de tudo, nosso afeto e nosso amor.

Obrigado, Bate Folha, pelo dia de hoje, pelos 100 anos de existência e pela vida. (Palmas)

Convido a todos e todas para, logo após o encerramento, um coquetel no salão ao lado.

Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença das autoridades civis, eclesiásticas, das Sr^{as} e Srs. Deputados, da imprensa, e declaro encerrada a presente sessão, irrigada de muita emoção.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.